

Sobre a Bipedia e Destinação da Razão: Rousseau entre (contra?) Kant e Moscati¹

[On Bipedalism and Destination of Reason: Rousseau
between (against?) Kant and Moscati]

Leonardo Rennó Ribeiro Santos²

Universidade Estadual de Campinas (Campinas, Brasil)

A resenha sobre uma obra de Pietro Moscati, *RezMoscati*³, ocupa uma posição de algum modo peculiar na produção de Immanuel Kant durante o período conhecido como a ‘década silenciosa’. O que aqui pode causar estranheza não é o fato de Kant ter escrito poucas resenhas durante sua intensa atividade intelectual, mas porque o tema específico que o seu texto aborda não é de imediata identificação com os problemas tradicionalmente atribuídos a esse período de preparação da *KrV*⁴. Longe, mas não tanto, das questões epistemológicas que justificavam a clivagem entre as fontes do conhecimento humano, o entendimento e a sensibilidade, na *MSI* (1770)⁵, também rondava as ideias de Kant nessa época o problema da classificação natural dos seres humanos, que o *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os Homens*⁶ de Jean-Jacques Rousseau havia aprofundado com

¹ Desenvolvo aqui uma hipótese de leitura proposta no artigo Santos (2017) e cujo argumento central foi discutido no *I Congresso Internacional Rousseau x Kant*, UFMA, em 27 de junho de 2018.

² E-mail: leo.renno@gmail.com. Pós-doutorando em filosofia no Departamento de Filosofia do IFCH/Unicamp. Bolsista de Pós-Doutorado Júnior do CNPq e membro do grupo de Filosofia Política da Unicamp.

³ Salvo quando indicado na bibliografia, é minha a tradução das passagens das obras de Kant, que serão referenciadas segundo a lista de abreviações recomendada pela *Kant-Forschungsstelle* e citadas segundo a *Akademie-Ausgabe: Br – Correspondência; NTH – História Natural Universal e Teoria do Céu* (1755); *BGSE – Notas às Observações sobre o Sentimento do Belo e Sublime* (1765-68); *MSI – Forma e Princípios do Mundo Sensível e do Mundo Inteligível* (1770); *RezMoscati – Resenha do Escrito de Moscati: Da Diferença Corpórea Essencial entre a Estrutura dos Animais e a dos Homens* (1771); *V-Anth – Lição sobre Antropologia* (1772-); *VvRM – Das Diferentes Raças de Seres Humanos* (1775); *AP – Ensaios a respeito do Philanthropinum* (1776, 1777); *KrV – Crítica da Razão Pura* (1981); *Anth – Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático* (1798); *PG – Geografia Física* (1800).

⁴ De acordo com o exame de Cassirer sobre um conjunto de anotações de Kant no período que antecede a escrita da *KrV*, “se nós partirmos destes papéis, agrupando-os com outras notas que formam com eles uma unidade devido ao seu conteúdo, obtemos um todo que lança luz sobre os mais diversos ângulos para os quais o pensamento de Kant havia se estendido neste período. Não podemos examinar essas notas em detalhes aqui, que só são compreensíveis partindo do tratamento do problema e dos conceitos fundamentais contidos na *Crítica da Razão Pura*” (Cassirer, 1981, p. 139).

⁵ Cf. Kant, 2005, § 3, p. 235 (*MSI*, AA 2: 392).

⁶ A partir daqui, *Segundo Discurso*.

sua rejeição da razão como critério essencial para a classificação da espécie humana. Ao manter do sistema classificatório de Buffon apenas a singularidade da marcha bípede, Rousseau desjungiu o vínculo natural entre razão e civilização, caro tanto ao naturalista francês como ao filósofo alemão. É esta a questão de fundo à qual a leitora ou o leitor da *RezMoscati* era lançada ou lançado inadvertidamente em suas duas páginas não assinadas.

Como de praxe para a editoração da época, este arrazoado sobre as ideias principais do médico e anatomista italiano foi publicado sem qualquer menção ao seu autor, informação posteriormente suprida por Rudolf Reicke a partir de uma atestação circunstancial de Christian J. Kraus. De acordo com o testemunho deste aluno talentoso de Kant durante a década de 1770, e que se tornaria tempos depois um dos seus amigos mais íntimos⁷, “os autores mais originais, por paradoxais que eles pudessem ser, eram os seus autores preferidos. Por isso ele aceitou a resenha em defesa do próprio Moscati” (Reicke, 1860, p. 15). Seguindo as palavras de Kraus poderíamos ser tentados a concluir que a divulgação das ideias de Moscati entre os eruditos alemães resumiria o objetivo de Kant com a publicação da resenha. Tratava-se, afinal, de uma tese atrativa em antropologia física digna de discussão. Considerada com mais cuidado, porém, o cerne da explicação de Kraus destaca não propriamente o resultado almejado com a resenha, mas, antes, o interesse de Kant na sua preparação. É menos o aticamento da atenção do público para a obra de Moscati do que das suas próprias ideias a partir dela o que Kant teria buscado com esse exercício de pensamento sob a forma de resenha. É o que Kraus conclui sobre essa *Wissbegirde* de Kant: “Pensar, e tanto quanto possível algo sempre novo que ultrapassasse com o pensamento os conceitos comuns, era para o seu espírito ativo uma necessidade. Daí seu amor por todos os escritos, mesmo se tão paradoxais”.

A tese sustentada pelo italiano, de que o caráter não natural da bipedia acarretou diversas doenças contra as quais estavam protegidos os antepassados dos seres humanos, é de fato inusitada, sobretudo se a atividade intelectual for tida como pivô deste processo. Para a sua demonstração, Moscati mobiliza alguns dos intelectuais mais representativos dos saberes positivos, ora enunciando as alianças contra as quais ele se opõe, a defesa da bipedia humana sustentada por Buffon e Rousseau, por exemplo, ora silenciando as talvez excessivamente afins que ele próprio firma, como na sua anuência parcial à quadripedia com a qual Lineu classifica os seres humanos ou em sua adesão ao programa científico de investigação proposto por Rousseau sobre as patologias da civilização. Em vista destes diálogos, velados ou não, que uma leitura devidamente instruída saberia detectar, cabe questionar da explicação de Kraus se, a rigor, o que Moscati afirmava em seu estudo era em si mesmo e em termos propriamente kantianos paradoxal, isto é incomum ou

⁷ Cf. Kuehn, 2001, p. 228.

sem apoio nos especialistas⁸. Fiando-nos apenas na conclusão de Kraus, é igualmente possível a suposição de que Kant não teria examinado a tese de Moscati devido ao seu suposto teor *paradoxal*. Ao contrário, ele poderia muito bem tê-la aproveitado para esquadrihar alguns reais paradoxos, os quais foram oportunamente evidenciados no equacionamento *original* das questões que o italiano buscava solucionar. Nestes termos, o exame kantiano das ideias de Moscati aparece prioritariamente como um meio para a consideração de outras ideias.

Uma pista para a identificação destas ideias e dos seus autores é oferecida pelas próprias fontes teóricas que alimentam a obra de Moscati e que Kant conhecia muito bem. Mas nesse caso é preciso averiguar a acomodação desta base material nos textos de Kant da década de 1770 e, mais importante, a existência de algum tema ou conjunto de problemas capaz de unificá-los, o que teria o efeito imediato de desfazer a impressão inicial de desconcerto que uma primeira leitura da RezMoscati pode suscitar⁹. Além disso, se confirmada, a afinidade temática ou conceitual entre os escritos também auxilia na identificação do verdadeiro interesse de Kant em examinar a tese central defendida por Moscati, alegadamente contrária ao Segundo Discurso. O pensamento do genebrino neste caso não seria nem um pouco incidental, como o enquadramento da questão na RezMoscati leva a pensar. Um exame mais detalhado deste texto parece evidenciar que Rousseau é uma presença constante se não no estudo de Moscati, ao menos nas considerações que Kant fez a partir da obra do italiano. Para demonstrar esse ponto em específico, após a detecção da matriz teórica que respalda as publicações de Kant na década de 1770, a obra de Moscati será examinada em seus objetivos gerais e em seguida contraposta a sua apresentação na RezMoscati. Com isso, será possível avaliar não apenas como cada um fez uso a sua maneira do pensamento de Rousseau, como também o conjunto de dificuldades próprias dos saberes positivos que Kant visava dirimir nesta época.

⁸ Segundo os dois primeiros conjuntos de registros da lição de Kant sobre antropologia, inaugurada pouco depois da resenha sobre Moscati, “os textos paradoxais se opõem aos princípios gerais admitidos” (*V-Anth/Collins*, AA 25: 27), cujo agrado com a leitura, assim elucidada Kant, decorre de “esperarmos obter com eles uma outra perspectiva sobre essa ou aquela ciência e talvez descobrir muitas coisas desconhecidas” (*V-Anth/Parow*, AA 25: 254). Cf. também Kant, 2006, p. 29 (*Anth*, AA 7: 129).

⁹ Esta minha proposição, circunscrita a uma melhor compreensão da resenha sobre Moscati, é reformulada nos seguintes termos por Zammito: “Resumindo, a longa passagem da *Dissertação Inaugural* para a primeira *Crítica* – o que foi chamada de ‘década silenciosa’ – sugere que apenas concebendo a emergência da filosofia crítica como uma sequência de difíceis rupturas, em vez de um único momento transfigurador, pode se adequar à evidência histórica” (Zammito, 2002, p. 259).

Além da *RezMoscati*, de 1771, e de um anúncio para os seus cursos universitários do semestre de inverno de 1775-1776, *VvRM*, pouco depois publicado sob a forma de artigo, Kant apresenta dois outros pequenos ensaios em 1776 e 1777, *AP*, o primeiro deles também anônimo, ambos em defesa do *Instituto Filantrópico de Educação* instituído por Johann B. Basedow. Uma divisão natural destes textos seria a sua separação em dois blocos. De um lado, a *RezMoscati* e o *VvRM*. De outro, os *AP*. No primeiro caso, ambos encontrariam seu princípio de unificação numa temática própria do naturalismo, ao passo que o segundo grupo se organizaria ao redor de questões pedagógicas¹⁰. De certo modo, esta divisão temática está correta, mas ela impede, porém, a detecção de uma raiz mais profunda que parece alimentar os quatro textos. Sem nunca declarar textualmente, os *AP* que compõem o segundo bloco se apoiam no endosso entusiasmado de Kant sobre a pedagogia rousseauísta¹¹. Quanto ao primeiro bloco, ao menos um dos dois textos anuncia a intenção de examinar no âmbito da História Natural uma tese contrária a alguns princípios do *Segundo Discurso*. Rousseau, portanto, aparece como horizonte teórico de ao menos três dentre os quatro escritos publicados por Kant na década de 1770; algo de modo algum inesperado se considerado o entendimento de Stark (2014)¹² a respeito da matriz rousseauísta que propiciou nessa mesma década a inauguração das lições de Kant sobre antropologia. Também não convém perder de vista o fato de ter sido Kant o primeiro intelectual a reconhecer a unidade do pensamento de Rousseau que emerge das suas teses aparentemente paradoxais¹³, informação que reforça seu interesse em explorar as teses do genebrino nos âmbitos os mais diversos da atividade filosófica.

Resta, ainda, considerar a posição do *VvRM*. Rousseau não é enunciado em momento algum desse anúncio, o que sugere de saída a inexistência ali de qualquer problemática própria do genebrino. Por outro lado, sua presença na *RezMoscati* é

¹⁰ A explicação para esta defesa de Kant das ideias de Basedow é apresentada por Munzel, para quem “o apoio de Kant ao programa escolar de educação era inequívoco. Ele usou o *Methodenbuch* de Basedow como a base para o seu próprio primeiro conjunto de lições sobre pedagogia” (Munzel, 1998, p. 251).

¹¹ Explorando a explicação oferecida por Munzel (1998), Zammito observa que “este impulso para a reforma educacional na Alemanha, dentre a qual figurava proeminentemente o movimento ‘Philanthropin’ – conduzido por Basedow e Campe –, deriva parcialmente de Rousseau sua inspiração teórica, e este era certamente o caso com Herder. A questão que não deve ser abandonada muito rapidamente é que foi Kant quem enfatizou e inculcou precisamente este aspecto de Rousseau no tempo em que Herder passava com ele” (Zammito, 2002, p. 147).

¹² Segundo a posição assumida pelo especialista a respeito do projeto geral das lições de Kant sobre antropologia: “Kant não só mostra que ele é um sucessor imediato do genebrino Jean-Jacques Rousseau, com também que ele embarcou na longa estrada da observação empírica do ser e dos seres humanos” (Stark, 2014, p. 17).

¹³ Num conjunto de notas manuscritas tomadas alguns anos antes da resenha, Kant descreve uma sequência de impressões despertadas com a leitura da obra de Rousseau: *surpresa*, causada pela descoberta de “um espírito de rara perspicácia” e *atordimento*, decorrente das “opiniões estranhas e absurdas” (*BGSE*, AA 20: 43). Havia ainda um terceiro sentimento, raramente experimentado com a leitura de Rousseau, mas o texto é neste ponto interrompido. Pode-se ter uma ideia deste último sentimento, no entanto, com a seguinte confissão de Kant: “Rousseau me endireitou” (idem, p. 44).

suficiente para advertir a leitora ou o leitor para o interesse de Kant em questionar certas proposições naturalistas apresentadas no *Segundo Discurso*. Fato é que os naturalistas que serão examinados no anúncio são nada menos que os expoentes máximos da História Natural, Lineu e Buffon, segundo seus distintos sistemas classificatórios e suas funções específicas na compreensão da unidade e diversidade da espécie humana. O que Kant deixa de fora do *VvRM* é justamente uma questão crucial e debatida à exaustão entre os naturalistas, e que provavelmente o teria estimulado a resenhar a obra de Moscati: o ser humano é por natureza bípede ou quadrúpede? Ou, mais especificamente, qual a nota característica física da espécie humana? Problema esse que de modo algum seria indiferente à problemática tratada no anúncio. Colocados ambos os textos lado a lado, é possível supor que, em surdina, Kant teria aproveitado a obra de Moscati para refletir sobre a fusão essa sim paradoxal realizada por Rousseau das classificações antropológicas de Lineu e de Buffon, testando inclusive a amplitude do álbum de família da humanidade defendido no *Segundo Discurso*. O vínculo, então, entre a *RezMoscati* e o *VvRM* seria estabelecido pelo problema da classe à qual pertencem os seres humanos, que o primeiro texto se encarregaria de questionar e o segundo, uma vez decidido, de pressupor na consideração da diversidade física das raças humanas¹⁴. Em caso afirmativo esse vínculo não só destaca o eixo teórico entre o anúncio e os três outros textos publicados na década de 1770, como também descortina uma linha de argumentação ainda inexplorada sobre a intenção de Kant com a sua resenha da obra de Moscati, permitindo com isso o esclarecimento sobre a função que Rousseau desempenha num âmbito da reflexão antropológica de Kant raramente reconhecida da importância do genebrino.

Conhecemos sobre Pietro Moscati (1739-1824) suas atividades como médico e professor de anatomia na Universidade de Pavia, além de divulgador científico entre os italianos da escola browniana de medicina¹⁵. Mas sua defesa do brownianismo ocorreria tempos depois do texto que Kant julgou valer a pena resenhar, *Da Diferença Corpórea Essencial entre a Estrutura dos Animais e a dos Homens* (1770)¹⁶. Neste estudo, Moscati busca primeiramente mostrar que “mais duvidoso do que a postura horizontal é que a perpendicular convenha ao homem” (Moscati, 1770, p. 14|15). Demonstrada esta hipótese, a postura bípede da espécie

¹⁴ Após explicar a diferença entre o sistema classificatório *escolar* de Lineu e *natural* de Buffon, Kant afirma sobre o segundo que “todos os homens sobre a vasta Terra pertencem a um único e mesmo gênero natural, pois, ainda que diferenças também possam ser encontradas na sua feição, procriam sem exceção filhos fecundos” (*VvRM*, AA 2: 429).

¹⁵ Segundo Häser, a escola browniana de medicina identificava no estímulo [*Reize*] a nota característica capaz de diferenciar o corpo animado do inanimado, do que se seguia a compreensão do fenômeno da vida como “um estado compelido pelo estímulo” (Häser, 1881, p. 753).

¹⁶ As passagens da obra de Moscati serão citadas a partir da paginação do original em italiano (1770), seguida da paginação da tradução em alemão utilizada por Kant (1771).

humana, por contrariar a conduta cuidadosa da natureza, “talvez seja um produto gerado pela arte de algum homem”. O segundo objetivo da obra, mais específico, é comprovar que a *transmissão hereditária deste artifício* acarretou “um número muito maior de danos físicos do que de vantagens”. Haverá certamente ocasião para Moscati considerar algumas destas vantagens, dentre as quais a mais importante é a capacidade racional: “a estrutura orgânica do cérebro é a primeira origem ou a causa material da aptidão física para raciocinar” (idem, p. 51|81). Esta aptidão, no entanto, é explicada em termos funcionais, visto que, anatomicamente considerada, “a diferença observável nos fenômenos entre os animais e o homem em relação ao corpo cerebral e aos nervos não é uma diferença substancial, pois apenas consiste na mesma faculdade de sentir, mais ou menos intensamente” (idem, p. 58|93). Desta proximidade substancial entre os seres humanos e os animais, Moscati julga “sensato duvidar se esta diferença fisicamente observada apenas no material cerebral depende de um refinamento da fábrica ou de uma imperfeição orgânica”. O modo como o médico italiano examina as patologias geradas com a marcha humana bípede é suficiente para indicar sua escolha em seguir a segunda linha de interpretação, que é inclusive ampliada quando Moscati passa a examinar os efeitos físicos da bipedia humana “fomentados, ou aumentados, ou multiplicados pelo modo citadino de viver, de se vestir, de morar, de se alimentar” (idem, p. 31|45). Chamayou sintetiza em dois pontos centrais todos estes elementos da argumentação de Moscati: o problema da especificidade *física* do ser humano como o pano de fundo da discussão em anatomia comparada, ao que se adiciona o interesse propriamente médico sobre as doenças específicas de um “quadrúpede contrariado” (Chamayou, 2007, p. 254n2).

A julgar pelo modo como Kant preparou a resenha sua leitura pode deixar a impressão de que estes dois assuntos principais do texto de Moscati são enfrentados em manifesta oposição ao pensamento de Rousseau. “Aqui nós temos o homem natural novamente de quatro, para cuja postura o reconduz um perspicaz anatomista, o que não quis dar certo para o arguto *Rousseau* enquanto filósofo” (*RezMoscati*, AA 2: 423). Não parece ser este, porém, o tom de algumas considerações do *Segundo Discurso* que são encontradas na obra de Moscati. Rousseau é enunciado neste ensaio em três momentos, duas vezes em nota de rodapé, usado para esclarecimento do argumento central, e apenas uma vez no corpo do texto. A primeira das notas simplesmente acompanha o posicionamento do anatomista italiano em relação aos casos notáveis de crianças que foram encontradas vivendo com animais selvagens e que marchavam sob quatro apoios, remetendo seu leitor à nota três do *Segundo Discurso*, em que Rousseau considera ao seu modo essa temática recorrente da época¹⁷. “Todos estes fatos”, diz a nota de Moscati, “encontram-se brevemente descritos no discurso do Sr. Rousseau *sur l’origine de l’inégalité parmi les hommes*,

¹⁷ Cf. Douthwaite, 2002, Capítulo I “Wild Children” e de Fontenay, 1998, pp. 453-62.

n. 3” (Moscati, 1770, p. 16n7|18n7). A segunda nota, mais específica, responde ao argumento usual em favor da bipedia humana, o da desproporção entre a extensão dos membros superiores em relação ao dos inferiores. Aqui, Rousseau é colocado ao lado de Buffon, ambos sendo corrigidos por Moscati. “Já mostramos acima que esta arrogada proporção variaria bastante caso as extremidades inferior e superior fossem igualmente utilizadas” (idem, p. 34n23|51n23). Já no corpo do texto, “o ilustre e imaginativo filósofo Jean-Jacques Rousseau” (p. 46|71) aparece no momento em que Moscati considera, a propósito da perfectibilidade, a capacidade humana de apropriação de todos os instintos dos animais, causa, portanto, de sua diversidade física em comparação com a regularidade identificada nos outros animais.

Claro está que estes elementos do *Segundo Discurso* são questionados pelo italiano. Trata-se, no fim das contas, de assegurar o caráter natural quadrúpede da marcha humana, sem o que o diagnóstico de Moscati sobre os poucos ganhos resultantes *da arte humana* face aos grandes prejuízos físicos trazidos com ela não se sustentaria. Já no caso de Rousseau, o problema a ser enfrentado é algo diferente, a natureza bípede da marcha humana em sua relação essencial com a atividade racional. Entre ambas as teses se posicionam precisamente as classificações antropológicas de Lineu e de Buffon. Esta disputa de interpretações no texto de Moscati, no entanto, não contém um valor notadamente polêmico, ao menos não no sentido produzido por Charles Bonnet¹⁸ com a sua refutação das considerações naturalistas de Rousseau. Tudo indica que o objetivo do italiano é mais direcionado, examinar os resultados mais avançados na literatura naturalista, razão suficiente para colocar Rousseau e Buffon em pé de igualdade, sem que as correções necessárias e novas proposições (certamente polêmicas no campo da medicina¹⁹) colocassem os ganhos reconhecidos dos adversários em descrédito, o que se vê no elogio, ao que

¹⁸ Publicada anonimamente no *Mercure* em outubro de 1755, Bonnet ataca a obra de Rousseau já na abertura da carta: “Fiquei admirado com o colorido deste estranho quadro, mas não pude igualmente admirar o desenho e a representação. Eu enalteço os méritos e os talentos de M. Rousseau, (...) mas lamento que ele tenha adotado ideias que me parecem tão opostas ao que é verdadeiro e tão pouco próprias a produzir o bem” (Bonnet, 1783, p. 134). Ao que Rousseau concluirá sua réplica no mesmo jornal nos seguintes termos: “Eis, senhor, minhas respostas. Note, de resto, que neste assunto como naquele do primeiro *Discurso* eu sou sempre o monstro que sustenta que o homem é naturalmente bom, e que meus adversários são sempre as pessoas honestas que, para a edificação pública, se esforçam para provar que a natureza não produziu senão celerados” (Rousseau, 1964, p. 236).

¹⁹ No ano seguinte à resenha de Kant, a obra de Moscati recebeu uma nova resenha, inteiramente crítica, publicada pelo médico Johann A. Unzer na *Allgemeine deutsch Bibliothek*. Unzer recusará, dentre outras explicações do italiano, as duas conclusões principais de Moscati, sobre a inexistência de uma diferença essencial notável entre a estrutura cerebral do ser humano e do animal, o que, para Unzer, impossibilita a explicação da harmonia mais perfeita entre os poderes representativos humanos quando comparada com a dos outros animais (Unzer, 1772, p. 152). E sobre a pouca diferença músculo-esquelética entre os seres humanos e os animais, resultado evidente, segundo Unzer, da ausência de consideração detida sobre a “destinação natural do ser humano para a marcha ereta” (idem, p. 155). Contrariamente à recepção favorável de Kant, Unzer vê no trabalho da tradução alemã um dos poucos atributos do estudo de Moscati: “A tradução da obra pelo Sr. Prof. Beckmann nos parece irreparável e, ainda que o trabalho do Sr. M. não nos tenha provocado nenhum juízo favorável, a obra é notável o suficiente para valer uma tradução” (idem, p. 158).

tudo indica sincero, a Rousseau. É Kant quem faz Moscati aparecer como adversário feroz do genebrino na arena filosófica, e é preciso considerar, portanto, o seu verdadeiro interesse com essa reencenação da famigerada querela entre Rousseau e Voltaire.

São poucos os estudos que concentraram as atenções neste pequeno texto de Kant. Gerland (1905) tece três ordens de razões sobre a sua importância: (i) o singular conteúdo fisiológico da concepção de ser humano que Kant admite na resenha; (ii) a expressão “destinado para a sociedade” (Gerland, 1905, p. 519), pela qual o filósofo apreende a concepção histórico-social do ser humano; (iii) mais importantemente, trata-se da primeira ocorrência nas obras kantianas da “história do organismo, a história do desenvolvimento do ser humano”. A rigor, talvez por ausência de material geográfico disponível para consulta²⁰, o comentador erra em detectar na *RezMoscati* uma singularidade na concepção fisiológica de ser humano. A preocupação do jovem professor em oferecer já nas suas primeiras lições sobre geografia física uma explicação fisiológica para o problema da diversidade de cores da pele humana²¹ basta como prova de que a abordagem física da antropologia kantiana não é singular e nem se limita ao período pré-crítico, como confirmará o tratamento desta questão específica no interior dos escritos de Kant sobre as raças.

A segunda e a terceira ordem de razões apresentada por Gerland são reformuladas por Sturm (2015) quando sugere que, após apresentar a tese central de Moscati, Kant teria proposto uma tese própria sobre a dualidade estrutural da natureza humana (animal e racional), formulada no terço final da resenha:

Aquela postura, que é a mais apropriada à sua estrutura interna, à posição do feto e à preservação nos perigos, era a *quadrúpede*; mas que também foi depositado nele um germe [*Keim*] da razão, através do qual, caso tal se desenvolva, ele é destinado *para a sociedade*, e por meio da qual ele assume permanentemente a postura mais apropriada para essa destinação, a saber, a *bípede*. (*RezMoscati*, AA 2: 425)

Com a primeira parte desta explicação, Kant acompanha os pontos principais defendidos por Moscati a respeito da marcha natural quadrúpede, o funcionamento

²⁰ O trabalho de Adickes (1911) sobre a geografia física de Kant foi publicado seis anos após a série de lições oferecidas por Gerland, o que pode explicar que as considerações de Kant sobre os seres humanos, que figuram no início da segunda parte da *PG*, não tenham sido tomadas pelo especialista como representativas da fase inicial do período pré-crítico, orientando, portanto, a abordagem física da antropologia durante as décadas de 1760 e 1770. Cf. Adickes (1911, pp. 278-79).

²¹ Cf. Kant, 2009, p. 90/ Kant, *V-PG/Holstein*, AA 26: 90.

harmônico dos órgãos, a ausência de pressão sobre o feto e a proteção mais eficaz contra os perigos. Por sua vez, Kant enfatiza na segunda parte a reciprocidade entre vida social e atividade racional, o que não destaca, segundo Sturm, a razão como poder anímico mais forte, mas sim “como instrumento para a ação social” (Sturm, 2015, p. 1974). Esta explicação de Sturm é confirmada pelo próprio texto de Moscati. Em nenhum momento da sua argumentação o médico italiano afirma algo de semelhante a respeito da razão. O mais próximo de uma explicação sobre o abandono da posição quadrúpede é oferecido no início do texto, pouco antes de introduzir sua hipótese de trabalho sobre a maior dúvida referente à suposta bipedia original da espécie humana. O caráter protetivo da marcha quadrúpede, supõe Moscati, não teria sido forte o suficiente para impedir a emergência da inteligência: “esta estrutura das pernas [que] havia retardado muito os efeitos da indústria humana não parece, contudo, que teria sido capaz de impedi-la ou destruí-la” (Moscati, 1770, p. 11|9). Se retornarmos neste ponto à explicação de Sturm, não é difícil perceber que Kant teria deslocado o eixo principal da argumentação de Moscati com o intuito de examinar um outro elemento que lhe interessava mais com toda essa discussão: a atividade racional não como causadora de enfermidades e desconfortos, mas socialmente reabilitada devido ao seu caráter civilizatório. É esta nova configuração da razão introduzida por Kant que marca, de acordo com Sturm, a posição fronteira do texto no *corpus* kantiano, entre os escritos produzidos até a década de 1770 sobre história natural e seus textos de antropologia e de história a partir da década de 1780.

O exame de Zammito sobre a resenha também enfatiza a tensão que Kant identificou na obra de Moscati entre “as determinações biológica versus cultural” (Zammito, 2002, p. 302). No entanto, o uso que Kant fez desta tensão se restringiu, assim afirma o especialista, “a enfatizar a delimitação do humano a partir do resto do reino animal”. É ainda o problema classificatório que Kant teria em vista com sua leitura de Moscati. Mas quando Zammito chama a atenção do leitor na sequência da sua argumentação para o investimento de Kant nesta mesma época em compreender o problema da geração biológica tal como formulado por Buffon, não lhe ocorre a pergunta se esse interesse na antropologia buffoniana não poderia de algum modo ter também orientado a questão enfrentada na *RezMoscati*.

O que nenhum destes comentadores considerou é que este arranjo peculiar entre a nota característica física da espécie humana, de um lado, e, de outro, o entrelaçamento entre razão e civilização já se encontrava formulado na antropologia de Rousseau, no campo dos saberes positivos em resposta direta à posição do humano nos sistemas classificatórios da história natural propostos por Lineu e por Buffon. A comprovação de que este problema foi seriamente considerado por Kant é fornecida por um conjunto de anotações dos alunos que frequentaram as suas lições sobre antropologia durante a década de 1770. Segundo os registros *V-Anth/Parow* (1772-73), Kant examinou em sala de aula, a propósito da diferença antropológica entre animalidade e racionalidade, as teses de John Locke e de Moscati sobre a

quadrupedia original da espécie humana. “Locke e um outro médico italiano querem de fato afirmar que os seres humanos seriam inclinados a andar sobre quatro e não dois pés” (*V-Anth/Parow*, AA 25: 246). Como atestam os editores destas lições, é certo que esta enunciação a Locke diz respeito à nota doze do *Segundo Discurso*, em que Rousseau refuta a tese do filósofo inglês sobre o caráter natural da família²². No entanto, mais importante que esta refutação (em nenhum momento da nota Rousseau afirma que Locke sustentaria semelhante tese que importa a Moscati provar) é o fato de Kant pensar pouco depois da edição da resenha a proximidade entre ambas as teses em vista do pensamento de Rousseau.

O mesmo referencial a Rousseau será claramente enunciado na *V-Anth/Fried* (1775-76), cujo anúncio, *VvRM*, pertence aos quatro textos que Kant publicou na década de 1770. Na parte final sobre o *caráter geral da natureza humana* o professor explica sobre a disputa de teses atinentes à marcha natural do ser humano que, “porque o ser humano devia ter razão, ele é destinado a andar sobre dois pés, visto que a razão é com isso mais bem cultivada” (*V-Anth/Fried*, AA 25: 676). Já o esclarecimento desta destinação é apresentado com a linguagem: “porque a fala é cultivada pela razão, o ser humano deve ser constituído de tal forma que ele possa produzi-la para si”. Aqui, Kant responde ao desafio lançado por Rousseau na primeira parte do *Segundo Discurso* sobre o problema da origem humana da linguagem²³. Segundo afirma o professor, o ser humano está destinado a viver em sociedade, o que só pode ocorrer com o auxílio da comunicação. Sem enunciar aos seus alunos, Kant recorre neste caso à antropologia buffoniana para a proposição de uma solução. Além disso, dando andamento a sua lição, Kant conjectura como o ser humano poderia ter sido sem a razão e a linguagem e é neste momento que o professor sugere a leitura da obra de Moscati, repassando com seus alunos os pontos gerais sobre anatomia comparada em relação à compleição física dos seres humanos e dos macacos.

Em vista desta acomodação das questões atinentes à classificação natural da espécie humana entre os quadrúpedes ou bípedes na primeira metade da década de 1770, as quais são comprovadamente examinadas por Kant a partir do pensamento rousseauísta²⁴, torna-se evidente a oportunidade que se apresentou com a resenha da obra de Moscati momentos antes da inauguração das suas lições sobre antropologia. Mais do que defender a tese do anatomista italiano, importava a Kant compreender melhor o sentido negativo que a antropologia de Rousseau atribuía à interação entre

²² Cf. *V-Anth/Parow*, AA 25: 246n11.

²³ De acordo com a conclusão do excuro sobre a linguagem na primeira parte do *Segundo Discurso*, diz Rousseau: “Quanto a mim, atemorizado com as dificuldades que se multiplicam e convencido da impossibilidade quase demonstrada de que as línguas puderam nascer e se estabelecer por meios puramente humanos, deixo a quem desejar empreender a discussão deste difícil problema” (Rousseau, 1964, p. 151).

²⁴ A respeito do caráter geral da natureza humana Kant afirma aos seus alunos que “muito autores se aventuraram a escrever sobre esta matéria, dentre os quais o mais notável é Rousseau”. (*V-Anth/Fried*, AA 25: 675).

indivíduo e sociedade, ou ainda, o seu uso paradoxal dos saberes positivos disponíveis na época, quando a literatura naturalista, sobretudo a de Buffon, apontava numa outra direção, que Moscati oportunamente assinalou em resposta ao *Segundo Discurso*.

A leitura da primeira parte do *Segundo Discurso* não deixa margem alguma para dúvidas. A perfectibilidade é a nota de corte *metafísica* da natureza humana, o termo essencial que singulariza os seres humanos no reino animal. “Faculdade que, com o auxílio das circunstâncias, desenvolve sucessivamente todas as outras, residindo entre nós tanto na espécie quanto no indivíduo” (Rousseau, 1964, p. 142). Por sua vez, o correlato *físico* desta faculdade singular é expresso na sua postura bípede, cuja marcha atende aos critérios mínimos²⁵ de desenvoltura e robustez que a independência característica dos animais no estado de natureza exige. Na nota seis que acompanha a consideração sobre a diferença física entre o ser humano natural e o civilizado, Rousseau explica sobre o verdadeiro selvagem que “seu saber e sua indústria se limitam a saltar, correr, lutar, lançar uma pedra, escalar uma árvore. Mas, se ele só sabe essas coisas, em compensação as sabe muito melhor do que nós” (idem, p. 199n6). Para a descrição rousseauísta do estado de pura natureza ser bípede implica experimentar o desimpedimento dos membros superiores para a execução das mais diversas atividades, desde a imediata proteção e autoconservação até a emulação das ações de todos os outros animais que as circunstâncias variadas podem requisitar e que apenas um ser perfectível é capaz de atender. Elucidando sua tese central sobre a bipedia humana, Rousseau destaca sua vantagem em relação à marcha necessariamente desajeitada do ser humano sobre quatro apoios: “vejo um animal menos forte do que uns, menos ágil do que outros, mas, *no conjunto*, organizado de modo mais vantajoso do que todos” (idem, p. 134. *Itálico adicionado*). Ao correlacionar desta maneira perfectibilidade e bipedia, a antropologia de Rousseau mantém tensionadas as exigências científicas de Lineu e de Buffon, ao mesmo tempo em que redefine o significado e a função da faculdade de razão.

Seguindo a cartilha do *Sistema da Natureza*, Rousseau parece concordar com Lineu quando o naturalista explica que “até o momento a história natural não conseguiu extrair a partir de princípios científicos nenhuma característica que

²⁵ Este procedimento de Rousseau no campo da História Natural assinala, segundo Moran III, “o tipo de critério que ele usará ao longo de sua descrição do homem natural – isto é, que ele definirá o homem natural em termos de traços mínimos necessários para classificar um ser como humano” (Moran III, 1993, p. 50).

distinga *homo* de *simia*” (Lineu, 1746, p. 4)²⁶. Ocorre que, de acordo com o naturalista, “a nobilíssima razão ultrapassa absolutamente o ser humano enquanto animal selvagem”, mas do ponto de vista estritamente científico, avaliada apenas a natureza animal da espécie humana, não há motivo algum para não classificá-la entre os quadrúpedes e ao lado dos símios sob a rubrica *Anthropomorpha*. Eis uma conclusão de Lineu que Moscati teria julgado irresistível, não fosse pela divergência de tratamentos a respeito da atividade racional. É possível que este reconhecimento da superioridade da razão num estudo que, a rigor, não a toma em consideração por motivos científicos seja um acautelamento de Lineu contra a censura que poderia receber da Igreja. Numa carta de fevereiro de 1747²⁷, após reafirmar a limitação disciplinar da história natural, Lineu revela o seguinte ao explorador e naturalista alemão Johann G. Gmelin: “tivesse eu chamado o ser humano de símio ou vice-versa e teria atraído contra mim todos os teólogos em grupo”. Seja como for, nesse debate de ideias é Moscati quem radicaliza com suas observações sobre as patologias acometidas pela postura humana o que Lineu afirma de modo protocolar sobre a classificação quadrúpede da espécie humana, ao passo que Rousseau se limita a aproveitar²⁸ da discussão do naturalista sueco o que lhe parecia a melhor estratégia para detectar a verdadeira natureza do ser humano.

Fato é que Rousseau segue o entendimento de Lineu de que a razão não pode servir de parâmetro para a determinação de uma classe específica para os humanos. Mas acaba aqui o mútuo entendimento, pois, de acordo com o genebrino, a capacidade de aperfeiçoamento é radicalmente singular nos seres humanos, a ponto de não só converter-se na nota característica dos seres humanos, como também de expandir sobremaneira a própria família humana, convidando a que um curioso grupo de espécimes antropomorfos seja reavaliado. A incrível variedade de seres que as expedições tornavam conhecidos suscita, segundo Rousseau, a desconfiança de que algumas dentre essas criaturas, frequentemente mal observadas pelos viajantes, pudessem ser “verdadeiros homens selvagens, cuja raça dispersada antigamente nos bosques não encontrara ocasião de desenvolver qualquer de suas faculdades virtuais” (Rousseau, 1973, p. 208n10). Não é, portanto, a fronteira da animalidade, mas sim a da humanidade que Rousseau alarga ao desalojar a razão. Não só com o auxílio de Lineu, como sobretudo com a ajuda de um dos mais ilustres defensores da razão. É Buffon quem confirma na *História natural do homem* a bipedia como a nota

²⁶ É esta a fonte naturalista que os editores das lições de Kant sobre antropologia não conseguiram identificar. Cf. para referência *V-Anth/Fried*, AA 25: 675n126.

²⁷ Lineu, 1747, carta n. L0783, de fevereiro de 1747.

²⁸ De acordo com de Fontenay, contrariamente à rejeição buffoniana do sistema classificatório de Lineu, “La Mettrie, Maupertuis, Diderot, Condillac e mesmo Rousseau, a despeito de sua admiração por Buffon, vão tirar proveito disso para recusar melhor as pretensões do humanismo teológico e examinar livremente, com satisfação inclusive, as experiências – reais ou imaginadas – de uma história natural cuja sistematicidade *a priori* estabeleceu entre animais e homens uma grande confusão de viventes atípicos” (Fontenay, 1998, p. 453).

característica *física* da espécie humana segundo argumentos rigorosamente extraídos da anatomia e da anatomia comparada. Após uma série de considerações, dentre as quais justamente a dissimetria entre os membros superiores e inferiores que Moscati vai rejeitar, Buffon conclui que “o ser humano é o único que se sustenta numa postura retilínea e perpendicular” (Buffon, 1855, p. 62). O naturalista, no entanto, ultrapassa o campo disciplinar dentro do qual Rousseau se abriga estrategicamente ao levar em conta a capacidade racional, bem como as habilidades com as quais ela se expressa naturalmente nos seres humanos (a linguagem, a invenção, o aperfeiçoamento) para a classificação da espécie: “é porque eles (os animais) não podem juntar nenhuma ideia que pensam e falam que eles, pela mesma razão, não inventam e aperfeiçoam nada” (idem, p. 7), e, mais adiante, “o ser humano é um animal racional, o animal é um ser sem razão” (idem, p. 9).

A recusa rousseauísta desta extrapolação de Buffon será categórica no *Segundo Discurso*. Nada na constituição natural do ser humano permite semelhante constatação a respeito da dominância congênita da razão. Diferentemente do que Buffon julgava, o caráter espiritual do ser humano não decorre da sua capacidade intelectual, mas do caráter livre da sua vontade ou, algo irrefutável, da sua natureza essencialmente perfectível. Esta é a explicação filosófica sobre a verdadeira natureza da espécie humana, que ganha inclusive respaldo científico com seu uso da literatura naturalista. Rousseau, assim, inverte os termos da formulação buffoniana, classificando todas essas faculdades como virtuais, dentre as quais a razão, ao mesmo tempo em que as subordina à nota específica dos seres humanos, enquanto espécime *e* espécie. Cláusula essencial, aliás, porque com ela Rousseau consegue bloquear qualquer atração inescapável do espírito sobre a diversidade de trajetos que os seres humanos eventualmente trilharão. De acordo com a explicação de Duchet sobre a resposta de Rousseau ao emprego buffoniano da história, “a história do homem não se confunde com a história da razão humana. Não basta a reconstituição da ‘cadeia de conhecimentos’ para compreender a passagem decisiva da natureza para a cultura” (Duchet, 1971, p. 334). Para o autor do *Segundo Discurso*, é preciso reconhecer que a ativação da razão depende de fatores que excedem as características originárias da espécie humana, que, nessa medida, os resultados da atividade racional são consequências das interações diversas entre os indivíduos e os ambientes, o que certamente desabilita a lógica unificadora do progresso²⁹, embora mantenha de pé, sobre dois, aliás, mas não como Buffon planejava, uma abordagem histórica da razão.

A história da razão que respalda o método genealógico do *Segundo Discurso* é uma história de “queda”, como bem assinalou o estudo de Salinas (1976, p. 62). Um dos fatos empíricos deste decaimento vertiginoso é a *doença*, assim como,

²⁹ Segundo Salinas, “Rousseau descreve o que ele não gostaria de dizer: que o progresso se faz tanto em direção do pior como em direção do melhor. Ao mesmo tempo. O que anula a escatologia e a teleologia” (Fortes, 1976, p. 61).

afirma Goldschmidt, o serão a *linguagem* e o *amor* para os aspectos metafísico e moral que, em conjunto com o físico, perfazem a investigação antropológica sobre o ser humano no estado de pura natureza. Segundo o especialista, cada um destes três fatos constitui “um problema preciso e propriamente científico” (Goldschmidt, 1983, p. 271), todos eles desempenhando a função doutrinal de denunciar, sob a aparência de natural, seu caráter notadamente social. Ao pensar nas únicas mazelas que os verdadeiros selvagens conhecem, a ferida e a velhice, Rousseau pondera, “fica-se bastante inclinado a crer que com facilidade se faria a história das doenças seguindo a das sociedades civis” (Rousseau, 1964, p. 138).

Vistas sob esta perspectiva, não devem causar espécie as considerações de Moscati sobre o caráter civilizatório das doenças, as quais se inscrevem, a partir da leitura de Goldschmidt, numa linha de argumentação inicialmente moralizante e alimentada pelos clássicos³⁰, mas que será convertida por Rousseau num programa de estudo cientificamente abalizado. O que difere em relação a Moscati, que Kant acompanha com os olhos fixos no texto do genebrino, é seu modo de explicar semelhante concomitância entre razão e sociedade. Se no *Segundo Discurso* a saúde “não resulta de uma resistência à doença” (Goldschmidt, 1983, p. 271), sendo, nesse sentido, “um estado que naturalmente não possui um contrário”, é porque o ser humano é propriamente humano antes mesmo do surgimento da razão; é porque o amor de si que mobiliza suas ações não traz consigo a própria causa da sua degradação, seja física ou moral. Ao torcer a configuração destes elementos, respondendo inclusive à insuficiência disciplinar da anatomia comparada denunciada no *Segundo Discurso*³¹, Moscati retrata o início da espécie humana, tal como Rousseau, ocorrendo antes da inteligência, mas também da postura bípede. Com isso, a explicação de Moscati sobre a concomitância entre atividade intelectual e marcha bípede, embora reforce seus danos mais do que os ganhos, deixa de fato em aberto a possibilidade de um sistema compensatório segundo o qual o soerguimento sobre as duas pernas a que a ação da inteligência incita acarreta consequências deletérias à compleição física, mas cujos efeitos seriam contrabalançados pelos ganhos civilizatórios da atividade intelectual. Que semelhante modelo explicativo tivesse em vista um melhor entendimento da natureza animal da espécie humana, bem como da etiologia de certas doenças, a solução de Moscati certamente não pareceu menos perspicaz a um Kant não tão interessado na defesa da quadrupedia natural da espécie humana – ele chegará a

³⁰ De acordo com a explicação de Goldschmidt (1983), “sem dúvida Rousseau encontrou a oposição entre a saúde robusta das primeiras épocas e o desenvolvimento da arte médica provocado pela corrupção dos costumes em Platão, que ele cita, em Sêneca sobretudo ou ainda em Montaigne”, p. 261.

³¹ Posicionando-se em relação às hipóteses sobre as características pré-históricas dos seres humanos (garras, pelos, marcha quadrúpede), Rousseau afirma que “a anatomia comparada fez ainda muito pouco progresso, as observações dos naturalistas são ainda excessivamente incertas para que se possa estabelecer sobre semelhantes fundamentos a base para um raciocínio sólido” (Rousseau, 1964, p. 134).

recusar essa tese em *V-Anth/Mensch* (1781-82)³² –, quanto numa saída alternativa para a tensão entre natureza e sociedade que Rousseau inscreveu em termos vigorosamente antropológicos e que, ao seu modo, também apostava as fichas, mas não todas, na razão³³.

Pelo que foi mostrado, o que a *RezMoscati* oferece de inovador a respeito do pensamento de Kant não resulta imediatamente das ideias do italiano, mas sim do modo como Kant passou a organizar suas próprias ideias no campo da antropologia a partir deste conjunto de problemas frequentemente discutidos pelos naturalistas e sobre o qual ele topara com uma solução inteligente. Embora reconhecida, não há no decorrer da discussão de Moscati um elogio deliberado da atividade racional humana, seus ganhos, poucos, sendo apresentados numa conformidade trivial com a cartilha das Luzes³⁴. Sob este pretenso endosso, porém, Moscati é surpreendentemente próximo de algumas considerações chave de Rousseau, muito mais do que a *RezMoscati* permite pensar. No entanto, face às razões aduzidas pelo médico italiano era possível aceitar (contra Buffon e também contra Rousseau e, talvez, com um pequeno empurrão de Lineu) que os primeiros ancestrais dos seres humanos pudessem ter sido quadrúpedes e que este arranjo de coisas tivesse funcionado como uma precaução da natureza para com a conservação da espécie humana. A partir de semelhante explicação, pensar a marcha bípede dos seres humanos como comportando prejuízos e vantagens simultâneos e decorrentes de um impulso advindo da faculdade de razão não era uma hipótese menos coerente. Parecia, aliás, a sua conclusão mais natural. Mas, para que esta interpretação pudesse ser sustentada, o que de fato carecia de explicação não era simplesmente algum dado de anatomia, funcional ou patológica, ou mesmo alguma habilidade específica do ser humano em relação aos animais, pontos de desacordo com a resenha nada elogiosa do médico alemão Unzer. A questão crucial para Kant era sobre a possibilidade da perda de uma característica tão essencial quanto a marcha quadrúpede tal como retratada pelo anatomista italiano, algo que ameaçava a própria noção de natureza providente, e para o que Moscati não apresentava nenhuma solução clara ou interesse específico em resolvê-la, o que se vê nos seus comentários bastante técnicos à literatura naturalista.

³² Cf. *V-Anth/Mensch*, AA 25: 1194, bem como sua confirmação em *Anth*, AA 7: 323.

³³ Cf. Derathé, 1979, pp. 176-179.

³⁴ Cf. Moscati, 1770, p. 53|85.

Neste sentido, não é difícil identificar o objetivo de Kant com sua estratégia em deslocar a discussão das teses de Moscati do âmbito mais circunscrito da Anatomia e Medicina para o mais geral da História Natural com o intuito de disputar no campo dos saberes positivos sobre os princípios filosóficos em questão. É só assim que o italiano e o genebrino podiam aparecer como reais adversários. É só assim, também, que o infundado do sistema compensatório extraído de Moscati autorizava a imputação de paradoxal, oportunamente assinalada na resenha como um convite à proposição de uma solução não menos original. Para Kant, a proposição da noção de *germe* é suficiente para desfazer o paradoxo em que Moscati inadvertidamente ou não se via enredado, tornando agora crível a possibilidade de que o desenvolvimento de alguma característica inata pudesse mitigar até sua anulação completa uma outra que já se desenvolvera. Sem justificar, porém, o recurso a semelhante noção³⁵, Kant afirma em bloco contra Rousseau e Buffon que na ausência da ativação do germe da razão os seres humanos teriam sido quadrúpedes e que esta seria a marca animal da sua associabilidade. Que, por sua vez, elevar-se sobre dois pés deve equivaler a sua humanidade (princípio defendido por Rousseau), mas também necessariamente a sua sociabilidade (tese cara a Buffon). Com este novo sistema de contrapesos arrematado pela noção de germe Kant consegue avançar algo de fundamental para a restituição da ideia de um progresso necessário enquanto articulação estrutural entre a razão e a sociedade. Uma articulação que, aos seus olhos, Rousseau havia tornado excessivamente instável, eivada de *détours*, em resposta à antropologia, talvez excessivamente confiante, de Buffon.

Tão importante quanto esta satisfação dada aos seus autores preferidos, no entanto, é o programa de pesquisa empírica que as poucas considerações de Kant na *RezMoscati* permitem identificar. A dupla abordagem da natureza humana, animal e racional, delinea em termos bastante nítidos e já no início da década de 1770 as duas linhas de investigação antropológica que serão inauguradas no ano seguinte com o *Conhecimento do Mundo*, conhecimento da *natureza* e do ser *humano*, de que se incumbirão respectivamente as disciplinas de geografia física e de antropologia³⁶. Em ambos os casos, a antropologia rousseauísta aparece como mais do que uma mera

³⁵ Kant já havia recorrido ao termo *germe* [*Keim*] em *NTH* para explicar figurativamente a força de atração de um ponto num dado espaço sobre as partículas elementares circunvizinhas como expressão do crescimento, “por assim dizer, gradualmente rápido de um germe infinitamente pequeno” (*NTH*, AA 1: 265). É na *RezMoscati*, no entanto, que, mesmo sem justificar, Kant faz pela primeira vez um emprego conceitual do termo, o que aponta para uma densidade teórica para a noção de germe, que a obra de Moscati ajudou a alimentar, mas que Kant só conseguiu formular apropriadamente em 1775 no ensaio *VvRM*: “Os fundamentos de um determinado desenvolvimento, que residem na natureza de um corpo orgânico (da planta ou do animal), chamam-se *germes*, se esse desenvolvimento concerne a partes particulares” (*VvRM*, AA 2: 434).

³⁶ De acordo com a carta de Kant a Marcus Herz de dezembro de 1773, “estou preparando no meu tempo livre um estudo preliminar para os estudantes a partir deste estudo empírico bastante agradável, uma análise da natureza da habilidade (prudência) e mesmo da sabedoria que, junto com a geografia física e distinta de todos os outros aprendizados, pode ser chamado de conhecimento do mundo” (*Br*, AA 10: 146).

fonte material para consulta, como uma leitura muito rápida da *RezMoscati* pode suscitar. Ao lado de Buffon, Rousseau estabelece, segundo o uso que Kant faz das suas teses, os parâmetros decisivos a partir dos quais a possibilidade da antropologia como ciência deverá ser pensada. Não por outro motivo os alunos que frequentarão as aulas de Kant nos anos de 1775 e 1776 serão apresentados, ao que tudo indica, no semestre de verão às noções de *germe* e de *disposição natural* como suporte conceitual para o conceito de raça que a lei buffoniana da reprodução tornava viável, assim como no semestre de inverno às questões essenciais acerca do caráter geral da natureza humana sob a autoridade inquestionável de Rousseau.

Referências Bibliográficas

- ADICKES, E. Untersuchungen zu Kants physischer Geographie. Tübingen: Mohr, 1911.
- BONNET, C. “Oeuvres d’Histoire Naturelle et de Philosophie”. In: Collection Complète des Oeuvres de Charles Bonnet. Tomo XVIII. Neuchâtel: Samuel Fauche, 1783.
- BUFFON. “Histoire Naturelle de l’Homme”. In : Oeuvres Complètes de Buffon. Vol. II. FLOURENS, M. (Org.). Paris: Garnier Frères, 1855.
- CASSIRER, E. Kant’s Life and Thought. James Hade (Trans.). New Haven: Yale University Press, 1981.
- DERATHÉ, Robert. Le Rationalisme de Jean-Jacques Rousseau. Genève: Slatkine Reprints, 1979.
- DOUTHWAITE, J. The Wild Girl, Natural Man and the Monster: Dangerous Experiments in the Age of Enlightenment. Chicago: The Chicago University Press, 2002.
- DUCHET, M. Antropologie et Histoire au Siècle des Lumières : Buffon, Voltaire, Rousseau, Helvétius, Diderot. Paris: François Maspero, 1971.
- FONTENAY, Elisabeth. Le Silence des Bêtes : La Philosophie à l’Épreuve de l’Animalité. Lonrai: Fayard, 1998.
- GERLAND, G. “Immanuel Kant, seine geographischen und anthropologischen Arbeiten”, Kant-Studien, vol. 10 (1905), pp. 1-43 e 417-547.
- GOLDSCHMIDT, V. Anthropologie et Politique: Les Principes du système de Rousseau. 2 ed. Paris : Vrin, 1983.
- HÄSER, H. Lehrbuch der Geschichte der Medizin und der epidemischen Krankheiten. Bd. II. 3 Aufl. Jena: Gustav Fischer, 1881.
- KANT, I. Antropologia de um Ponto de Vista Pragmático. Trad. Clélia Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

- KANT, I. *Allgemeine Naturgeschichte und Theorie des Himmels*. Band I. Preußische Akademie der Wissenschaften. Berlin: Walter de Gruyter, 1942.
- KANT, I. *Bemerkungen zu den Beobachtungen über das Gefühl des Schönen und Erhabenen*. Band XX. Preußische Akademie der Wissenschaften. Berlin: Walter de Gruyter, 1942.
- KANT, I. “Das Diferentes Raças Humanas”, *Kant e-Prints*. Campinas, Série 2, v. 5, n. 5 (2010), p. 10 - 26.
- KANT, I. “Forma e Princípios do Mundo Sensível e do Mundo Inteligível”. Trad. Paulo Licht. In: KANT, I. *Escritos Pré-Críticos*. São Paulo: Editora da Unesp, 2005.
- KANT, I. *Écrits sur le Corps et l’Esprit*. Trad. Gregoire Chamayou. Paris: GF Flammarion, 2007.
- KANT, I. *Gesammelte Schriften*. Hrsg.: Bd. 1-22 Preussische Akademie der Wissenschaften, Bd. 23 Deutsche Akademie der Wissenschaften zu Berlin, ab Bd. 24 Akademie der Wissenschaften zu Göttingen. Berlin 1900ff.
- KANT, I. Recension von Moscati's Schrift: Von dem körperlichen wesentlichen Unterschiede zwischen der Structur der Thiere und Menschen. Band II. Berlin: Georg Reimer. Trad. Alexandre Hahn, “Resenha do Escrito de Moscati”, *Kant e-Prints*, vol. 7, n. 2 (2012), pp. 4-6.
- KANT, I. *Vorlesungen über Anthropologie*. Band XXV. Berlin: Walter de Gruyter, 1997.
- KANT, I. *Vorlesungen über physische Geographie (Handschrift Holstein)*. Band XXVI. Berlin: Walter de Gruyter, 2009.
- KUEHN, M. *Kant: A Biography*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- LINEU. *Fauna Svecica. Lugdunum Batavorum: Conradum & Georg Wishoff*, 1746.
- LINEU. *The Linnaean Correspondence*. Disponível em <<http://linnaeus.c18.net/Letter/L0783>>. Acesso em: 24/07/2018.
- MORAN III, Francis (1993). “Between Primates and Primitives: Natural Man as the Missing Link in Rousseau's Second Discourse”, *Journal of the History of Ideas*, vol. 54, n. 1, pp. 37-58.
- MOSCATI, P. *Delle Corporee Differenze Essenciali che Passano fra la Struttura de'Bruti, e la Umana*. Milano: Galeazzi, 1770.
- MOSCATI, P. *Von dem körperlichen wesentlichen Unterschiede zwischen der Structur der Thiere und Menschen*. J. Beckmann (Trad.). Göttingen: Wittwe Vandenhoeck, 1771.
- MUNZEL, G. F. “Menschenfreundschaft: Friendship and Pedagogy in Kant”, *Eighteenth-Century Studies*, vol. 32, n. 2, pp. 247-259.
- REICKE, R. *Kantiana*. Beiträge zu Immanuel Kants Leben und Schriften. Königsberg: Theile's Buchhandlung.

- ROUSSEAU, J.-J. Discours sur l'Origine et les Fondements de l'Inégalité parmi les Hommes. Pléiade. Paris : Gernier-Flammarion, 1964.
- FORTES, L. R. Salinas. Rousseau: Da Teoria à Prática. São Paulo: Ática, 1976.
- SANTOS, L. R. R. “A Raiz Rousseauísta da Antropologia Física de Kant”, Estudos Kantianos, vol. 5, n. 2 (2017), pp. 125-146.
- STARK, Werner (2014). “Kant’s Lectures on Anthropology: Some Orienting Remarks”. In: COHEN, A. (Org.). Kant's Lectures on Anthropology: A Critical Guide. Cambridge: Cambridge University Press.
- STURM, T. Kant-Lexicon. Marcus Willascheck (Hg.). Berlin, Boston: De Gruyter, 2015.
- UNZER, J. A. “Recencion”, Allgemeine deutsch Bibliothek, vol. 16 (1772), pp. 150-158.
- ZAMMITO, J. Kant, Herder, and the Birth of Anthropology. Chicago: The University of Chicago Press, 2002.

Resumo

Trata-se de examinar a suposta rejeição de Kant da tese rousseauísta sobre a bipedia humana na sua resenha, publicada anonimamente, da obra do anatomista e médico italiano Pietro Moscati. Após uma apresentação sucinta sobre o contexto da recensão, será interrogado o real interesse de Kant em contrapor um dos pilares do *Segundo Discurso* de Rousseau à tese do italiano sobre a origem quadrúpede da espécie humana. Ao trazer para o primeiro plano da exposição o antagonismo entre animalidade e racionalidade que de algum modo parece sustentar a argumentação de Moscati, Kant estaria na verdade avaliando os dois grandes sistemas classificatórios da História Natural que ganharam um arranjo paradoxal nas mãos de Rousseau: os de Lineu e Buffon. Com isso, é possível ampliar a importância de Rousseau na filosofia de Kant demonstrando que o pensamento do genebrino também funciona como matriz teórica para a estruturação kantiana da sua antropologia física.

Palavras-chave: Bipedia; Quadrupedia; Razão; História Natural; Antropologia.

Abstract: The article examines the alleged Kant's rejection of the Rousseauian thesis on human bipedalism, present in his anonymously published review of the Italian anatomist and physician Pietro Moscati's work. After a brief presentation on the context of the review, it will question Kant's real interest in countering one of the pillars of Rousseau's *Second Discourse* to the Italian's thesis on the quadruped origin of the human species. In bringing to the forefront the antagonism between animality and rationality that somehow seems to support Moscati's argument, Kant was actually evaluating the two great Natural History's classificatory systems that gained a paradoxical arrangement in the hands of Rousseau: those of Lineu and Buffon. With this, it is possible to broaden Rousseau's importance in Kant's philosophy by demonstrating that Rousseauian thought also functions as a theoretical matrix for the Kantian structuring of his physical anthropology.

Key words: Bipedalism; Quadrupedalism; Reason; Natural History; Anthropology

Recebido em: 09/2018

Aprovado em: 11/2018